

Estado da publicação: O preprint não foi submetido para publicação

# ESTIMULAÇÃO DOS BEBÊS: DESENVOLVIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Martin Kuhn, Ivane Beatriz Martins

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10428>

Submetido em: 2024-11-10

Postado em: 2024-11-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Daniela Leal (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6293-3779>)

## ESTIMULAÇÃO DOS BEBÊS: DESENVOLVIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

IVANE BEATRIZ MARTINS<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4225-9883>  
<[ivane.martins@hotmail.com](mailto:ivane.martins@hotmail.com)>

MARTIN KUHN<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8107-0814>  
<[martin.kuhn@unochapeco.edu.br](mailto:martin.kuhn@unochapeco.edu.br)>

<sup>1</sup> Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNO. Chapecó, SC, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNO. Chapecó, SC, Brasil.

**RESUMO:** Estimular os bebês desde o seu nascimento é fundamental para o seu desenvolvimento psicomotor, intelectual, afetivo e social. É na primeira infância que os bebês desenvolvem o conhecimento sobre si, sobre o mundo, sobre a natureza, a partir das relações que estabelecem com os outros e com o meio social. O presente artigo discute a relevância da estimulação dos bebês. Parte da problemática: o que compreendem as produções acadêmicas acerca da relevância da estimulação para o desenvolvimento dos bebês? Objetiva compreender a relevância da estimulação no processo do desenvolvimento dos bebês. Trata-se de um estudo teórico e bibliográfico e assume como interface a perspectiva teórica e metodológica dialética para a compreensão do desenvolvimento humano. Do ponto de vista procedimental orienta-se referenciado na Análise Temática (AT) proposta por Braun e Clarke, para ler, analisar e interpretar os temas prévios estabelecidos: estimulação precoce e estimulação e desenvolvimento dos bebês. A reflexão reconhece a centralidade da estimulação dos bebês, por meio das interações e brincadeiras, razão pela qual os espaços e tempos das creches, dirigidos aos bebês, se fazem fundamentais para o seu desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Estimulação dos bebês. Desenvolvimento humano. Perspectiva histórico-cultural.

### INFANT STIMULATION: HUMAN DEVELOPMENT FROM A HISTORICAL-CULTURAL PERSPECTIVE

**ABSTRACT:** Stimulating babies from birth is essential for their psychomotor, intellectual, affective and social development. It is in early childhood that babies develop knowledge about themselves, about the world, about nature, from the relationships they establish with others and with the social environment. This article discusses the relevance of babies stimulation. Part of the problem: what do academic productions understand about the relevance of stimulation for the development of babies? It aims to understand the relevance of stimulation in the development process of babies. It is a theoretical and bibliographic study and assumes as an interface the dialectical theoretical and methodological perspective for the understanding of human development. From the procedural point of view, it is oriented, referenced in the Thematic Analysis (TA) proposed by Braun and Clarke, to read, analyze and interpret the previous themes established: early stimulation and stimulation and development of babies. The reflection recognizes the centrality of the stimulation of babies, through interactions and games, which is why the spaces and times of daycare centers, aimed at babies, are fundamental for their development.

**Keywords:** Stimulation of babies. Human development. Historical-cultural perspective.

### ESTIMULACIÓN INFANTIL: DESARROLLO HUMANO DESDE UNA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

**RESUMEN:** Estimular a los bebés desde su nacimiento es fundamental para su desarrollo psicomotor, intelectual, afectivo y social. Es en la primera infancia cuando los bebés desarrollan conocimientos sobre sí mismos, sobre el mundo, sobre la naturaleza, a partir de las relaciones que establecen con los demás y con el entorno social. En este artículo se discute la relevancia de la estimulación infantil. Parte del problema: ¿qué entienden las producciones académicas sobre la relevancia de la estimulación para el desarrollo de los bebés? Su objetivo es comprender la relevancia de la estimulación en el proceso de desarrollo de los bebés. Se trata de un estudio teórico y bibliográfico que asume como interfaz la perspectiva dialéctica teórica y metodológica para la comprensión del desarrollo humano. Desde el punto de vista procedimental, se orienta, referenciado en el Análisis Temático (AT) propuesto por Braun y Clarke, a leer, analizar e interpretar los temas anteriores establecidos: estimulación temprana y estimulación y desarrollo de los bebés. La reflexión reconoce la centralidad de la estimulación de los bebés, a través de interacciones y juegos, por lo que los espacios y tiempos de las guarderías, dirigidas a los bebés, son fundamentales para su desarrollo.

**Palabras clave:** Estimulación de bebés. Desarrollo humano. Perspectiva histórico-cultural.

## INTRODUÇÃO

Estimular o bebê desde o seu nascimento é fundamental para o seu desenvolvimento psicomotor, intelectual, afetivo e social. É na primeira infância que o bebê desenvolve o conhecimento sobre si, sobre o mundo, sobre a natureza, a partir das relações que estabelece com o outro e com o meio social. Conforme Joaquim, Silva e Lourenço (2018 *apud* Vieira, Raimundo e Silva (2019)), os estímulos que o bebê recebe nos primeiros anos de vida podem ser encontrados em diversas situações, desde as mais simples às mais complexas. Traduzidas em interações e brincadeiras, estas desenvolvem o potencial criativo do bebê de forma lúdica e interativa.

Acrescentam Crespi, Noro e Nóbile (2020), que a primeira infância é primordial ao desenvolvimento dos bebês, pois é nessa fase da vida que ocorrem complexas transformações na estrutura cerebral, relevantes à aquisição e à ampliação de capacidades para toda a vida do ser humano. Assim, quanto maior for a exposição do bebê às interações e às brincadeiras, mais significativo será o seu processo de desenvolvimento. Assim, as autoras reconhecem que os primeiros anos de vida do bebê constituem-se em uma fase significativa para o seu desenvolvimento, pois nessa etapa desenvolvem as capacidades cognitivas, a memória, a atenção, a sensibilidade, entre outras.

Campos *et al.* (2011), aponta que estudos realizados em creches brasileiras têm indicado níveis comprometidos com a qualidade desse atendimento, afirmando que atividades, rotinas de cuidado pessoal e de estrutura do programa educacional, poderiam qualificar e potencializar o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos bebês. Nessa perspectiva, compreende que a qualidade dos ambientes promove desenvolvimento e, nesse sentido, os bebês que frequentam as creches teriam mais oportunidades de desenvolver as capacidades cognitivas, afetivas, motoras e relacionais do que as crianças que permanecem

em ambiente doméstico. Reconhece e reitera, desse modo, a importância da estimulação dos bebês, bem como a importância de ambientes qualificados para promover esse desenvolvimento.

Para Vieira, Raimundo e Silva (2019), se a criança não receber estímulos adequados, pode sofrer atrasos significativos em seu desenvolvimento. Conforme as autoras, quanto mais estimulada a criança, mais ligações neuronais, mais capacidade de aprender, de raciocinar, de se relacionar, mais autonomia desenvolverá. Barbosa (2009; 2010), Campos *et al.* (2011), Costa (2013), França (2005), Goretti (2012) e Hansel (2012) reconhecem que os primeiros anos de vida de um bebê são primordiais para o desenvolvimento de capacidades cognitivas, motoras, atenção, sensibilidade, desenvolvidas por meio de interações e brincadeiras. Igualmente, tal entendimento é reforçado pelas diretrizes da estimulação precoce para crianças de zero a 3 anos com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor (Brasil, 2016). Compreendem que a estimulação precoce é um processo sistêmico e sequencial que, através de técnicas e métodos, promove a estimulação de domínios cognitivos, motores, linguísticos, sensoriais e sociais, os quais são fundamentais para o desenvolvimento infantil.

Este rápido preâmbulo contribui para demarcar a relevância da temática da estimulação para os bebês (18 meses de vida), objeto da reflexão. A problemática foi assim formulada: o que compreendem as produções acadêmicas acerca da relevância da estimulação para o desenvolvimento dos bebês? Como objetivo geral busca compreender a relevância da estimulação no processo do desenvolvimento dos bebês. Trata-se de um estudo teórico e bibliográfico. Recorremos à perspectiva teórica e metodológica dialética como possibilidade de interpretação do fenômeno da estimulação e a compreensão de sua relevância ao desenvolvimento dos bebês enquanto fenômeno histórico e social. Do ponto de vista procedimental recorreremos à Análise Temática (AT), dedutiva, proposta por Braun e Clarke, citada por Reses e Mendes (2021), para ler, analisar e interpretar os temas prévios: estimulação precoce, estimulação e desenvolvimento dos bebês.

Para desenvolver a problemática o artigo estrutura-se em 3 movimentos. O primeiro movimento aborda os conceitos de estimulação precoce. O segundo intenciona construir argumentos que justificam a importância da estimulação dos bebês (até 18 meses de vida), em contextos educativos a partir de autores e das políticas curriculares que contemplam os bebês. Por fim, o terceiro movimento produz aproximações sobre a importância da estimulação dos bebês nos os espaços/tempos da educação infantil. Concluímos com algumas considerações sobre a educação infantil (etapa dos bebês) e sua relevância à estimulação dos bebês. Nesse sentido, sustentamos que os estímulos que o bebê recebe do meio social, da creche, da educação infantil, potencializam o seu desenvolvimento global, razão pela qual se fazem importantes os espaços e tempos dirigidos à infância.

## **APROXIMAÇÕES DO TERMO ESTIMULAÇÃO PRECOCE**

Estimulação precoce e/ou estimulação de bebês? Os apontamentos que seguem têm por finalidade distinguir e aproximar possibilidades reflexivas sobre os termos anunciados. A estimulação precoce, conforme Brasil (2016, p. 5) “[...] pode ser definida como um programa de acompanhamento e intervenção clínico-terapêutica multiprofissional com bebês de alto risco e com crianças pequenas acometidas por patologias orgânicas [...]”. O primeiro aspecto que merece destaque na terminologia estimulação precoce é sua abordagem clínico-terapêutica multiprofissional, portanto, sua origem está marcada pela racionalidade biomédica. Na sequência, acrescenta o documento, que este acompanhamento tem por finalidade a “[...] mitigação de sequelas do desenvolvimento neuropsicomotor, bem como de efeitos na aquisição da linguagem, na socialização e na estruturação subjetiva, podendo contribuir, inclusive, na estruturação do vínculo mãe/bebê e na compreensão e no acolhimento familiar dessas crianças” (Brasil, 2016, p. 5). Nesse sentido, a abordagem clínica assume uma perspectiva curativa tal como anunciado por Graff e Pieczkowski (2024).

Assim, a perspectiva clínica e terapêutica da estimulação precoce, recorrendo a técnicas e recursos terapêuticos, tem por finalidade favorecer “[...] desenvolvimento motor, cognitivo, sensorial, linguístico e social, evitando ou amenizando eventuais prejuízos” (Fonseca, 2004; Hallal; Marques; Brachialli, 2008; Lima; Ribeiro *et al.*, 2007 *apud* Brasil, 2016, p. 56). Desenvolver as dimensões neuro-sensório-motor do bebê objetiva seu desenvolvimento integral. Acrescenta o documento que o “[...] excesso de estímulos também não é benéfico” (Brasil, 2016, p. 68). O documento ressalta o brincar como recurso para o desenvolvimento de múltiplas capacidades. Ao explorar, manipular apropria-se da “[...] forma, cor, textura, cheiro, temperatura, podendo usá-lo como mediador de suas relações e para compreensão do mundo” (Ferland, 2006 *apud* Brasil, 2016, p. 68).

Compreende o programa de estimulação precoce que os estímulos requerem ser aplicados de acordo com a maturidade e de acordo com as fases do desenvolvimento, destacando a importância de se maximizar o potencial do bebê que possui limite/atraso no desenvolvimento global, síndrome ou transtorno. Na compreensão de Barbosa (1999), a estimulação precoce tem grande eficácia para bebês e crianças quando se refere aos aspectos preventivos e assistenciais para o desenvolvimento infantil. Esse conjunto de ações, técnicas e métodos são utilizados para estimular o bebê, podendo interferir no crescimento e desenvolvimento infantil.

Os programas de intervenção precoce tiveram início nos anos 40 e 50 nos Estados Unidos e sofreram alterações ao longo dos anos. Como anunciado, essa forma de intervenção surgiu em razão dos “[...] elevados índices de insucesso escolar e para fomentar a integração multicultural” (Marini; Lourenço, Barba, 2017 *apud* Silva, 2022, p. 31). Esses serviços “[...] podem ser compreendidas como ações de apoio especializado destinadas às crianças e famílias que, ao longo do período da primeira infância, apresentam dificuldades relativas ao desenvolvimento e à inclusão social”. Desse modo, os programas de estimulação precoce foram envolvendo mais as famílias, no sentido de reabilitar as áreas

afetadas da criança com deficiência. De acordo com Silva (2022) citada por Marini, Lourenço e Barba (2017, p. 457), no final dos anos 50 é que surgiram uma diversidade de fontes, baseadas na filosofia e pragmáticas das intervenções precoces, nomeada de educação infantil precoce, saúde materna e infantil, educação especial e pesquisa sobre o desenvolvimento infantil e intervenções precoces na primeira infância. Posteriormente, esse modelo de intervenção foi se transformando a partir de estudos sobre o desenvolvimento da primeira infância, com alguns autores como Miguel (2019), Pinto *et al.*, (2019), Serrano (2007) e Serrano *et al.*, (2010), contribuíram para os avanços nos estudos acerca do desenvolvimento infantil na primeira infância e de sua importância para o seu o desenvolvimento, conforme Marini, Lourenço e Barba (2017).

Mais detidamente, de acordo com Barbosa (1999), o termo estimulação precoce tem origem do inglês *Early Intervention*, que surgiu nos anos 60, nos Estados Unidos em decorrência da grande demanda social de crianças pobres que necessitavam de alguma intervenção para o seu desenvolvimento. Essa intervenção era aplicada nos quatro primeiros anos de vida da criança, objetivando favorecer o desenvolvimento das capacidades físicas e mentais. Embora não anuncie diretamente seu teor biomédico, está associado a possíveis limites decorrentes da vulnerabilidade social. Na concepção desse programa, destaca-se a importância de se maximizar o potencial do desenvolvimento do bebê, no sentido de prevenir problemas secundários ou atrasos no seu desenvolvimento. Vale destacar que super estimular tem sentido prejudicial e negativo à criança, uma vez que pode provocar inquietação e angústia. Segundo Barbosa (1999), cada bebê, cada criança tem seu próprio percurso de desenvolvimento, o que está relacionado a capacidade de estímulos que pode tolerar em função deste.

A estimulação precoce traz, nesse sentido, em sua história a associação com intervenção precoce, associação com atraso no desenvolvimento cognitivo, emoções, transtornos ou síndromes, patologias orgânicas, razão por sua estreita vinculação com a clínica-terapêutica ou modelo biomédico. De acordo com Marini, Lourenço e Barba (2017), a intervenção precoce está relacionada exclusivamente a práticas voltadas à estimulação de habilidades, estruturadas às crianças que necessitam de um cuidado de reabilitação e abordagem clínica. Desse modo, “[...] a Intervenção Precoce (IP) é uma prática multidisciplinar que procura responder às necessidades de crianças com distúrbios relacionados ao desenvolvimento e/ou outras situações específicas” (Marini; Lourenço; Barba, 2017, p. 457). Nessa compreensão, faz sentido a constatação de Graff e Pieczkowski (2023, p. 2) que o modelo clínico apoiado no tratamento de sintomas e em desvios de comportamento conduz a “[...] busca de uma cura. A cura é o motor da clínica”.

Nessa perspectiva, os serviços de estimulação precoce foram estruturados baseados em práticas de modelo biomédico. “Seu objetivo é/era minimizar os prejuízos, estimulando as crianças através de técnicas específicas para adquirir habilidades que se encontram atrasadas ou imaturas para

sua faixa etária esperada” (Marini; Lourenço; Barba, 2017, p. 457). Essas práticas multidisciplinares se deram a partir dos avanços no conhecimento acerca do desenvolvimento infantil, o que resultou em uma diversidade de serviços prestados e de características diversas.

A intervenção precoce ocorre desde a primeira infância, quando a criança pode estar exposta a maiores fatores de riscos. Esses fatores incidem de forma limitadora sobre o desenvolvimento infantil e podem ser gerados pela ausência de oportunidades, por razões de desigualdade social, de pobreza (desnutrição), de exclusão, como infecções e lesões durante a gestação, patologias orgânicas, etc. Conforme Marini, Lourenço e Barba (2017), se não acompanhados esses déficits instalados no bebê, podem tornar-se problemas mais complexos com o passar dos anos, o que justifica uma intervenção o mais cedo possível. Assim, “[...] as práticas de Intervenção Precoce (IP) são apontadas como benéficas para as crianças expostas a fatores de risco, assim como também são recomendadas para crianças com transtornos do desenvolvimento e deficiências já instaladas” (Marini; Lourenço; Barba, 2017, p. 457).

Na década de 1970, surgem no Brasil os primeiros relatos do surgimento do programa de estimulação precoce. Observamos que a temática era pouco discutida, até a questão do emprego desse sinônimo era diferente ao atendimento em estudos científicos. Segundo Barba (2020), não havia consenso quanto ao uso dos termos intervenção precoce e estimulação precoce, o que denota a necessidade de maior esclarecimento em relação ao uso do sinônimo e do seu significado. Usualmente, as práticas voltadas à estimulação precoce estão atreladas ao modelo tradicional de intervenção, baseado no modelo clínico e reabilitativo para crianças com alterações no desenvolvimento. O termo estimulação precoce ganhou espaço na área da educação e no campo acadêmico nos últimos anos, a partir das Diretrizes da Estimulação Precoce (Brasil, 2016). Isso ocorreu em decorrência do aumento significativo de recém-nascidos com alterações congênitas. Este documento objetivou oferecer orientações para os profissionais que trabalham com estimulação precoce em decorrência dessas alterações orgânicas em bebês de alto risco.

De acordo com a Associação Brasileira de Pediatria (2019) a Intervenção Precoce é um conjunto de modalidades terapêuticas que visam aumentar o potencial do desenvolvimento social e de comunicação da criança, proteger o funcionamento intelectual, reduzindo danos, melhorar a qualidade de vida e dirigir competências para autonomia. [...] análise do Comportamento é uma das abordagens da psicologia que desenvolveu um modelo de intervenção precoce com bases científicas, e que compõem a equipe multidisciplinar que realiza esse tipo de intervenção (Marini; Lourenço; Barba, 2017, p. 457).

Ainda, conforme Borges (2016), o termo estimulação precoce tem recebido vários significados ao longo dos anos e que não existe um consenso na literatura. Conforme o autor, o termo “[...] gera alguns equívocos, remetendo a ações antecipadas. No entanto, este termo deve ser entendido como uma ação pontual, por meio de estímulos adequados e necessários ao desenvolvimento da criança

público da educação especial” (Borges, 2016, p. 34). As Diretrizes de Estimulação Precoce (2016), que orientam o trabalho com bebês, crianças com alterações genéticas, atraso do desenvolvimento, destacam o prevenir, o detectar, o recuperar, o minimizar possíveis atrasos e estimular a criança para que se desenvolva como tarefa. Subjaz a estas diretrizes ainda um princípio normalizar para todas as crianças, no sentido de recuperar ou compensar os efeitos da deficiência. Tal processo consiste, na compreensão de Foucault (2008, p. 75), “[...] tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e anormal quem não é capaz”.

Assim, as terminologias anunciadas, se referem como “[...] conjunto organizado de estímulos e treinamentos adequados, oferecido nos primeiros anos de vida a crianças já identificadas como deficientes e àquelas de alto risco, de modo a lhes garantir uma evolução tão normal quanto possível” (Brasil, 1994, p. 17-18). A partir deste documento fica evidenciado a padronização das crianças quando destaca a oferta de estímulos que garantam à normalidade. Portanto, os termos intervenção precoce, estimulação precoce e estimulação essencial, são termos oriundos do atendimento dos bebês, crianças nascidas com atraso no desenvolvimento motor, alterações genéticas, transtornos, síndromes, patologias orgânicas, etc. Desse modo, “[...] o atendimento educacional especializado se expressa por meio de serviços de intervenção precoce que objetivam otimizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem em interface com os serviços de saúde e assistência social” (Brasil, 2008, p. 16). Mesmo reconhecendo a associação dos termos a uma perspectiva clínico-terapêutica e biomédica não se desconhece e, tampouco, se minimiza sua pertinência e contribuição à discussão do desenvolvimento dos bebês.

## **A ESTIMULAÇÃO DOS BEBÊS**

Para além da terminologia estimulação precoce, intervenção precoce ou estimulação essencial, reconhecemos a centralidade da estimulação como requisito para o desenvolvimento de todo e qualquer bebê, independente de apresentar algum risco ou estar acometido por alguma patologia orgânica (Brasil, 2016). Estimular o bebê na primeira infância é imprescindível, pois os múltiplos incentivos que recebe assegura o seu desenvolvimento nos primeiros meses/anos de vida. Assume-se o termo estimulação enquanto exigência para o desenvolvimento do bebê de 0 a 1 ano e 6 meses, independente de apresentar ou não alguma condição limitadora ao seu desenvolvimento.

Apropriando-se das práticas sociais, através das experiências que vivenciam com o outro e com os adultos, a criança produz a sua humanidade. O bebê, a criança, dialoga, observa, questiona, sente, elabora conhecimento nas relações que estabelece com a sociedade, com a cultura, com a história, com o mundo e, nesse movimento, se desenvolve integralmente. Segundo Leontiev (2004), o desenvolvimento humano é marcado por uma atividade principal ou dominante, a qual está relacionada com a importância que desempenha em cada período do desenvolvimento, do nascimento até um ano de idade, atividade principal do bebê é a comunicação com o adulto. É nessa relação com o adulto que

a criança será adentrada no universo cultural, tencionada pela atividade da comunicação, pela manipulação de objetos, ações sensorio-motoras e pelo relacionamento com as pessoas, nesse processo de adentramento no mundo social que ela constitui sua humanidade. Ele nasce propriamente para a cultura.

Nesse sentido, o trabalho pedagógico com os bebês é fundamental para o desenvolvimento das capacidades dos bebês. De acordo com Faria e Palhares (1999, p. 74), “[...] a organização do espaço físico das instituições de educação infantil deve levar em consideração todas as dimensões humanas potencializadoras nas crianças: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo, etc.”. Esses espaços servem como mediação de aprendizagem, oferecendo novos e diversificados elementos como forma de criar novos desejos aos bebês, estimulando os sentidos e a linguagem.

Estimular o contato com a cultura, oferecendo um espaço “[...] rico e diversificado de atividades acessíveis selecionadas, criadas, priorizadas, recortadas da totalidade da cultura [...] são imprescindíveis ao desenvolvimento da criança nos diferentes estágios” (Ramos, 2011, p. 95-96). A comunicação que a criança estabelece com o adulto permite exercitar e desenvolver a linguagem, a imaginação, o pensamento, a percepção, a atenção, o movimento, a memória, entre outros aspectos. Desse modo, o cuidado com o processo de desenvolvimento na primeira infância é fundamental para a construção e aquisição de novas capacidades.

Segundo o Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI, 2014, p. 4), “[...] especialmente na primeira infância, a aprendizagem é fortemente influenciada por todo o meio onde a criança se encontra e com qual interage”. Assim sendo, aprende na relação com o outro e é nesse relacionamento efetivo, em todos os aspectos (físico, cognitivo e socioemocional) que ela se desenvolve. Bee (2003), destaca a importância de estimular o bebê desde o início da sua vida para promover seu desenvolvimento integral e saudável. Um ambiente familiar e escolar afetivo, seguro e estimulante, por meio de relações estáveis e incentivadoras, uma educação de qualidade, fornece alicerces para o seu desenvolvimento.

Conforme NCPI (2014, p. 4), “[...] o desenvolvimento integral da criança na primeira infância é crucial. As experiências ocorridas nessa fase terão influência ao longo de toda a vida do indivíduo, seja na área da saúde, seja no seu bem-estar social, emocional e cognitivo”. Desde o início da gestação e durante toda a infância, a criança é influenciada e participa de seu desenvolvimento. De acordo com Farroni e Menon (2013), NCPI (2014) e Santos (2013), o desenvolvimento cerebral é que permite a aprendizagem da criança na primeira infância e ao longo da vida. Do período pré-natal aos primeiros anos de vida, o cérebro passa por transformações determinantes para o seu desenvolvimento, razão pela qual a estimulação é imprescindível. É um órgão de alta complexidade, composto pelos neurônios e por uma extensa rede de prolongamentos destes, os quais formam circuitos conectados às diversas regiões cerebrais por meio de impulsos elétricos. Ele encontra-se em formação e passará por

modificações fundamentais até a sua maturação, razão pela qual, destaca-se a importância dos primeiros anos de vida de uma criança.

Estudos de Baran, Sauma e Siqueira (2014), NCPI (2014) e UNICEF (2006), sobre o desenvolvimento humano, têm demonstrado, que a evolução do cérebro ocorre a uma velocidade incrível nesse período da primeira infância, destacando a relevância dos estímulos e interações do bebê com o meio e com os outros, bem como da nutrição e dos cuidados adequados nesse processo de desenvolvimento. Segundo NCPI (2014), nesse período o cérebro precisa de muitos estímulos, pois 90% das conexões cerebrais são estabelecidas de 0 aos 6 anos, período em que as crianças permanecem nas creches e educação infantil. Razão pela qual se destaca a importância de os bebês receberem estímulos positivos, interativos e afetivos, uma vez que, se for exposta a situações estressantes e “[...] se a criança for negligenciada, muitas ligações entre os neurônios deixam de acontecer, o que pode afetar o seu potencial de aprender” (NCPI, 2014, p. 1).

Reconhecemos hoje, que é na primeira infância que se desenvolvem as funções cognitivas como raciocínio, memória, planejamento e juízo crítico, por meio dos circuitos cerebrais. Portanto, as conexões fundamentais começam a se estabelecer nos primeiros anos de vida e se define durante a adolescência. Assim, experiências mediadas de qualidade pelas relações socioafetivas, pelas interações do bebê com a família, com os outros potencializarão “[...] a aquisição de competências mais complexas no futuro depende de circuitos mais fundamentais que surgem nos primeiros meses e anos de vida. Isso é válido para as diferentes dimensões ligadas às funções cerebrais, sejam elas perceptuais, cognitivas ou emocionais” (NCPI, 2014, p. 5).

Crespi, Noro e Nobile (2020), apontam que é na primeira infância, a partir das experiências vivenciadas, que ocorre um processo contínuo de incorporação de diversos processos biológicos e socioculturais, isso quer dizer que, mesmo após o nascimento, o cérebro continua sendo construído e que as experiências vivenciadas contribuem para essa construção. Em razão disso, quanto melhor for essa construção, melhor será a preparação do sujeito para a vida. Destacam que os estímulos adequados, vínculo e afeto, são indispensáveis para o pleno desenvolvimento humano. Importante salientar que o cérebro em razão de sua plasticidade, possibilita o aprendizado até o fim da vida, no entanto, a apreensão dos conteúdos diminui muito após a primeira infância. Desse modo, a infância é um período em que os bebês devem expostos a múltiplos estímulos e experiências potentes para o seu desenvolvimento.

Por ser um tema de relevância, ressaltamos a importância do papel do professor no processo de desenvolvimento infantil. Embora tenhamos carências de estudos sobre a estimulação dos bebês na primeira infância e de suas contribuições à construção de habilidades cognitivas, afetivas e sociais para interagir consigo mesma, com os outros e com o mundo, compreendemos como necessários a “[...] promoção de ambientes familiares e escolares focados na criança como ser ativo,

nos quais ela se sinta segura e onde sejam oferecidas situações nas quais ela possa explorar, brincar, e adquirir gradativa autonomia e responsabilidade por suas ações, desde seus primeiros meses de vida” (NCPI, 2014, p. 7).

Nesse movimento, a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, que tem se ocupado da temática, contribui significativamente a compreensão da centralidade da estimulação para o desenvolvimento dos bebês. Considera o bebê como um sujeito ativo e capaz de agir e interagir com diversos objetos e “[...] que antes de generalizar a palavra, generaliza a ação sobre os objetos, atividade fundamental para o desenvolvimento do pensamento” (Vieira; Farias; Miranda, 2020, p. 150). Assim, a educação infantil, como primeira etapa da educação básica, tem o potencial de ampliar a apropriação dos bens culturais, científicos, tecnológicos. Vieira, Farias e Miranda (2020, p. 150), diante dos potenciais da criança, reconhecem a

[...] a importância de espaços favorecedores de experiências mobilizadoras do imaginário e da criação dos bebês e das crianças, ressaltando que as experiências corporais se incluem nessa potencialidade, uma vez que, quanto mais experiências, mais possibilidades de criação, reinvenção e desenvolvimento dos bebês e das crianças.

Em razão da centralidade da estimulação dos bebês, destacamos a importância do trabalho pedagógico na educação infantil enquanto prática que contribua para que a criança vivencie experiências diversas. A compreensão da criança como um sujeito ativo e capaz de agir e interagir com os outros e o mundo, certamente, favorecerá a aquisição de capacidades cognitivas, afetivas, criativas e sociais. Ressaltam Vieira, Farias e Miranda (2020), a centralidade da intencionalidade da prática pedagógica, criando espaços de múltiplas possibilidades para que os bebês possam imaginar e criar, desde muito cedo. Desse entendimento decorre a necessidade de se ampliar as experiências da criança por meio de atividades lúdicas, uma vez que são a base para a atividade criadora. O bebê vivencia, vê e ouve e, em razão disso, se faz necessário propor atividades diversas como forma de desenvolvimento, de expressão e comunicação.

O entendimento enunciado acima é corroborado pela BNCC (2017), mesmo com todas as críticas a ele dirigidas. O documento reconhece o direito de os bebês e as crianças frequentarem uma instituição estimuladora. Os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se são as balizas para a prática educativa na primeira infância. Quando aos bebês e às crianças bem pequenas se oportunizam experiências, elas aprendem e se desenvolvem. Aponta Mello (2017, p. 42), que as experiências vivenciadas nesses espaços, desenvolvem

[...] a inteligência e a personalidade dos pequeninhos se formam com as experiências vividas e dependem do lugar que eles ocupam nessas experiências: do quanto atuam, participam das escolhas que permitimos que façam, do quando decidem, exploram e experimentam. Isto porque, só por meio de sua atividade – de seu agir ativo –, sua aprendizagem e seu desenvolvimento avançam.

Portanto, segundo a autora, o desenvolvimento dos bebês depende das vivências e experiências em casa, na creche, nos espaços de educação infantil. Acrescentam Vieira, Farias e Miranda (2020) que oportunizar práticas culturais é fator determinante para a formação do ser humano, pois os estamos inserindo no mundo social desde o nosso nascimento. Quando os bebês estabelecem relações com a cultura e com seu grupo social desenvolvem suas funções psicológicas superiores e, aos poucos, vão se apropriando das significações das coisas. As diferentes formas de linguagem e de comunicação estabelecem as relações entre os sujeitos históricos e os contextos culturais, de forma que o brincar, o desenhar, o tocar, o cantar, o dançar, entre outras formas de linguagem que usamos, mediam a nossa relação com os outros e com o mundo. Os campos de experiência: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos e quantidades; Relações e transformações, são formas de promover e potencializar o desenvolvimento dos bebês (BNCC, 2017).

Nesse sentido, ao adotamos o conceito estimulação de bebês, o compreendemos como conjunto de “[...] experiências significativas nas quais intervém os sentidos, a percepção e o prazer da exploração, do descobrimento, o autocontrole, o jogo e a expressão artística [...]” (França, 2005, p. 5). Nesse processo, estimular todos os domínios que interferem na maturação do bebê, como forma de favorecer o desenvolvimento motor, cognitivo, sensorial, a linguagem e o social no contexto da primeira infância. Conforme o NCPI (2014, p. 3-4) as “[...] crianças com desenvolvimento integral saudável durante os primeiros anos de vida têm maior facilidade de se adaptarem a diferentes ambientes e de adquirirem novos conhecimentos[...]”.

Papalia e Feldman (2013), Mendes (2010), apontam a importância de estímulos para os bebês nos primeiros anos de vida, pois compreendem que nesse período a plasticidade cerebral se adapta às mudanças ambientais. Nos primeiros anos de vida há uma multiplicação de neurônios e sinapses responsáveis pelo crescimento do cérebro, o que permite o aparecimento de novas habilidades motoras, perceptivas e cognitivas. Por isso, nesse período destaca-se a importância da experiência como resposta à estimulação externa. Ou seja, é fundamental oportunizar novas experiências aos bebês para que possam se desenvolver.

Nesse sentido, ao utilizarmos o termo estimulação de bebês, o compreendemos como um conjunto de atividades que potencializam desenvolvimento integral do bebê, por meio das interações, do brincar, da brincadeira, do corpo, do movimento. Assim, o termo, tanto no meio familiar quanto na creche, está relacionado aos estímulos visuais, táteis, sonoros, motores que possibilitam o seu desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo de todas os bebês e crianças, independente de algum limite ou não. Pois, é reconhecido e reconhecemos que nessa etapa do desenvolvimento as funções cognitivas,

perceptivas, motoras e psicossociais, sofrem uma importante maturação física e psicológica, razão pela qual a estimulação é tão importante e fundamental para o desenvolvimento infantil.

### **3 ESTIMULANDO OS BEBÊS: OS ESPAÇOS/TEMPOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Os bebês, por muito tempo, foram descritos e definidos como frágeis, incapazes e imaturos. Esse conceito tem se modificado no decorrer das últimas décadas, motivado pelas pesquisas nos diferentes campos do conhecimento. Barbosa (2010) aponta que pesquisadores como Arendt (2000), Barbosa (2006), Cohn (2005), Dahlberg, Moss e Pence (2003) e Schmitt (2008), demonstraram inúmeras capacidades dos bebês. Desde o nascimento eles são seres humanos potentes no que se refere às relações sociais e cognitivas, que estas vão além de suas capacidades orgânicas, da complexidade de sua herança genética, de seus reflexos e competências sensoriais.

Os bebês, segundo Barbosa (2010, p. 2), “[...] são dotados de um corpo no qual afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados, e é a forma particular como esses elementos se articulam que vai definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história” (Barbosa, 2010, p. 2). Nesse sentido, acrescenta que cada “[...] bebê tem um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar”. Por isso, o compromisso dos pais, dos familiares, dos adultos, das instituições oferecerem acolhimento e cuidado ao bebê humano. Conforme Barbosa (2010), no contexto contemporâneo, com o envolvimento dos adultos no mundo do trabalho, a creche tem se anunciado como parceira no processo de cuidar e educar os bebês.

De acordo com Singulani (2017), a revisão conceitual de criança é o elemento central na educação dos bebês. Pois nessa, a criança é vista como alguém que aprende e se desenvolve desde que nasce. Enfatiza a centralidade, a partir desta perspectiva, do olhar da professora de como são e como aprendem os bebês, bem como, de levar em conta a fala, a percepção, os sentimentos, a memória, o pensamento no processo educativo. Trata-se de compreender o contexto cultural e organizar de forma intencional o espaço e os materiais para que os bebês se apropriem do mundo.

Pesquisadores como Bondioli (1998), Forest e Weiss (2003), Rossetti-Ferreira (2003), Silva (2009), além a BNCC (2017) e da DCNEI (2009), entre outros documentos, apontam Silva e Pantoni (2009), têm demonstrado a importância da estimulação dos bebês nas creches. Reiteram a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem as experiências vivenciadas pelos bebês e de um currículo que respeite e valorize a diversidade cultural e promova o desenvolvimento por meio de interação e brincadeiras no processo educativo.

A partir desse entendimento, o trabalho pedagógico assume importância para o desenvolvimento da criança, o que requer um ambiente acolhedor, que se transforma conforme as crianças se desenvolvem e de acordo com o surgimento de novas necessidades. Nesse cenário, o papel do professor é essencial, pois é ele que oportuniza o acesso à cultura produzida historicamente. Cabe ao

professor observar, escutar, planejar e organizar o espaço da sala de aula para que permita e promova vivências significativas. Explorar o espaço, propiciar vivências de toque, de cheiros, de observação, de rolar, engatinhar, explorar, interagir e se relacionar com outras crianças é fundamental.

De acordo com Corrêa *et al.*, (2020), desde que nascem os bebês aprendem e aprendem de um jeito próprio. Segundo a teoria histórico-cultural, o bebê se desenvolve por meio da comunicação e pela manipulação de objetos. Por isso, nas creches cabe às professoras acolherem os bebês, no sentido de estabelecer segurança afetiva e criar vínculos. Consideram a centralidade das crianças enquanto sujeitos ativos e orientam que as professoras dialoguem com os bebês durante as atividades e cuidados diários como na troca de fralda, banho, alimentação, olhem nos olhos dos bebês e percebam suas reações, pois eles “[...] captam a emoção das palavras proferidas e mostram-se mais calmos e colaborativos quando antecipamos e anunciamos de maneira clara e simples o que está acontecendo e o que virá a seguir” (Corrêa *et al.*, 2020, p. 83).

Nesses momentos de atenção individual, as crianças vão construindo uma relação harmoniosa e recíproca com a professora, tomando consciência sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Destacam Corrêa *et al.* (2020), que no primeiro ano de vida, a comunicação exerce um papel importante para o bebê, pois o educar e o cuidar, contribuem para a formação da sua capacidade de atenção e concentração. Essa comunicação deve acontecer em todos os momentos do cuidado. Pois é na primeira infância que o bebê amplia a comunicação com o mundo que a rodeia, assim, ao explorar, experimentar e descobrir vai elaborando hipóteses, as quais possibilitam pensar. Nesses processos, as funções psíquicas superiores como memória, percepção e pensamento, estão em plena atividade. Razão pela qual destacamos a relevância da estimulação dos bebês desde o seu nascimento.

A professora que observa, planeja, reorganiza os espaços e materiais contribui para potencializar o desenvolvimento do bebê. É importante, desse modo, diversificar os materiais e objetos, brinquedos que rolam, que se encaixam, com múltiplas formas, que emitem sons, que fazem barulho, com texturas, entre outros. Reconhecer a criança como um ser que se desenvolve é reconhecê-la como um ser de possibilidades. A principal particularidade do bebê é a sua capacidade de assimilar novas experiências e adquirir formas de comportamento humano. Assim, um ambiente múltiplo e plural é apontado nas DCNEI (2009, p. 12), como parte do currículo da educação infantil, assim compreendido como um “[...] conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural [...] de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade”. Destaca-se, desse modo, a importância de garantir essas interações e brincadeiras nas instituições de educação infantil. Garantir experiências que favoreçam a imersão dos bebês nas diferentes linguagens e formas de expressão.

O trabalho pedagógico com bebês requer que se garanta o acesso a objetos, a brinquedos, a materiais que despertem a sua curiosidade, que possam pegar, explorar, brincar e interagir com eles. Além

disso, oportunizar tempo e espaço livre para que o bebê possa explorar os materiais oferecidos é imprescindível para que vivencie a sua infância. Atividades significativas, desafiadoras e estimulantes contribuem para o desenvolvimento da percepção do bebê. Nesse sentido, cabe à professora que atua com bebês no berçário, conforme Barbosa (2010, p. 4-5), “[...] selecionar, refletir e organizar a vida na escola com práticas sociais que evidenciem os modos como os professores compreendem o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico e os modos como traduzem, no exercício da docência, as suas propostas pedagógicas”.

Conforme Brasil (2009), quando trata das práticas cotidianas na educação infantil, compreende que é preciso valorizar o que as crianças realizam por si e no mundo. Aponta que os conteúdos dessa faixa etária são: “[...] o alimentar-se, o vestir-se, o descanso, o controle do corpo, o brincar, o jogar, o explorar a si mesmo e ao entorno, o separar-se o reencontrar-se, o movimentar-se, o conviver com os demais e tanto outros conteúdos” (Brasil, 2009, p. 81). Sugere que as práticas sociais consideradas como atividades rotineiras nos espaços de creche, requerem ser valorizadas, pois os cuidados, como alimentação, a troca de fraldas, o banho, estão relacionados ao educar. Trata-se de um momento em que a professora estabelece uma relação de afeto, de linguagem, de escuta, de proteção do bebê. “O conhecimento por si só não é suficiente. O cuidado adequado deve ser não somente educacional, mas também sensível e compreensivo” (Goldschmied; Jackson, 2006, p. 16).

Todas as ações que o professor realiza na creche são de educar, educar e cuidar. Um ambiente acolhedor e com pessoas acolhedoras, proporciona situações favoráveis e qualificadas para o desenvolvimento dos bebês. Barbosa (2010, p. 2), explicita as especificidades da ação pedagógica com os bebês, enfatizando que

os bebês humanos quando chegam ao mundo necessitam um longo período de atenção e cuidado para sobreviver. Um dos grandes compromissos dos adultos, que já habitam neste mundo, é o de oferecer acolhimento para estes novos integrantes da sociedade. Se, durante muitos anos, esta era uma tarefa apenas da família, hoje em nossa sociedade, é necessário que seja uma tarefa compartilhada com outras pessoas ou instituições.

Mesmo que se prevejam ações da família no processo, a creche difere pela intencionalidade e organização do processo educativo, uma vez que envolve uma pluralidade de linguagens, de experiências espaço-temporais, de estímulos sensoriais, auditivos, visuais, motores. A BNCC (2017) e as DCNEI (2009) preconizam a presença de diferentes formas de linguagem nas interações e nas brincadeiras. Mesmo com as especificidades e as características próprias da faixa etária, destacam a possibilidade de se desenvolver um trabalho pedagógico com os bebês contemplando os objetivos de aprendizagem e os campos de experiência propostos para a educação infantil.

A constituição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, o conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se refletem uma concepção de criança. Assim, os campos de experiências o Eu, o outro e nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta,

fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (Brasil, 2017), possibilitam desenvolver os direitos e o protagonismo das crianças. Mais do que isso, os objetivos de aprendizagem e os campos de experiência orientados pelos eixos estruturantes interações e brincadeiras orientam o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos bebês e crianças.

Essa compreensão pressupõe que as creches e as escolas de educação infantil oportunizem experiências diversificadas, reconhecendo e respeitando as diferentes culturas e realidades dos bebês e das crianças pequenas. O trabalho pedagógico pautado na aprendizagem e desenvolvimento infantil dos bebês, oportuniza que eles vivenciem novas experiências através de estímulos visuais, sonoros, cognitivos, afetivo, motores e linguísticos. Pois, de acordo com Mendes (2010), nos primeiros anos de vida, as oportunidades de desenvolvimento devem ser ampliadas, uma vez que se não forem adquiridas nesse período sensível, tornam-se difíceis de serem adquiridas mais tarde. Não há dúvidas de que é extrema importância a oferta de estímulos aos bebês, se negligenciados, terão comprometidos o seu processo de desenvolvimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente reflexão tematizou a centralidade da estimulação para o desenvolvimento dos bebês. A partir da problemática, o que sugere a literatura sobre a relevância da estimulação para o desenvolvimento dos bebês, discutiu conceitualmente os temas estimulação precoce e estimulação dos bebês em interface como a perspectiva histórico-cultural.

Ao assumir a terminologia estimulação de bebês, tensionamos os termos estimulação precoce e intervenção precoce, por seu estreito vínculo com a perspectiva clínico-terapêutica e o modelo biomédico. Em relação à terminologia estimulação, a compreendemos como um conjunto de práticas dirigidas ao desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor, linguístico dos bebês. A estimulação assumida possibilita, por meio de processos interativos, potencializar as capacidades dos bebês e, como tal, ressaltamos a importância de os estimular para que se desenvolvam e fortaleçam sua personalidade, sua inteligência e produzam sua autonomia.

A estimulação dos bebês é imprescindível para o seu desenvolvimento, independente se apresentam riscos oriundos de vulnerabilidades sociais, patologias orgânicas, limites cognitivos, transtornos ou síndromes. É um processo que se inicia com o nascimento e perdura por toda a vida, entretanto, os primeiros anos de vida são primordiais. Desse modo, afirmamos que a estimulação é condição necessária para o desenvolvimento saudável do bebê. Igualmente, destacamos a centralidade do trabalho pedagógico desenvolvido pelas professoras que atuam com bebês, pois os estímulos motores, cognitivos e afetivos promovidos são requisitos para eles se desenvolvam. Assim, ao propor um trabalho pedagógico que valoriza as necessidades, as experiências, as vivências dos bebês e das crianças bem pequenas, leva a sério seu processo de humanização.

Conforme a literatura e os documentos consultados, a estimulação é essencial para os bebês nos primeiros anos de vida. O interagir e o brincar promovem o desenvolvimento omnilateral do bebê, razão pela qual ressaltamos a necessidade de trabalhar com a música, com o movimento, com histórias, com conversações, com jogos, etc, processo que ocorre na hora do banho, da troca de fraldas, na alimentação, no brincar, etc. É algo que constitui o cotidiano dos bebês e das crianças. Assim, o cuidado com os bebês extrapola as questões básicas de bem-estar (saúde, higiene, alimentação), assistência, anunciando-se como ontológico, como condição existencial, alguém que já é, mas anuncia-se como possibilidade de vir-a-ser, pois sempre compreendido como um projeto.

Apesar dos avanços nas pesquisas e nas conquistas no campo políticas dirigidas à educação infantil, a etapa dos bebês é a mais desassistida. Assim, destacamos a necessidade de se produzir mais pesquisas voltadas a primeira infância, especialmente aos bebês e crianças bem pequenas. Não basta nascer com um conjunto de potencialidades, faz-se necessária a estimulação para que o novo no mundo desenvolva todas as suas capacidades.

## REFERÊNCIAS

BARBA, Patrícia Carla Souza Della. Intervenção de terapia ocupacional centrada na família. *In*: PFEIFER, Luzia. I.; SANT'ANNA, Maria. M. M. (org.). *Terapia ocupacional na infância: procedimentos na prática clínica*. São Paulo: Memnon, 2020. p. 172-189.

BARAN, Michael; SAUMA, Julia; SIQUEIRA, Paula. *Lembrar, espelhar e experimentar: distanciamentos e sobreposições entre público e especialistas brasileiros sobre desenvolvimento na primeira infância*. Washington, DC: Instituto FrameWorks, 2014.

BARBOSA, Ivone Garcia. *Estimulação Precoce: fundamentos e aspectos essenciais*. João Pessoa: Gráfica Unimed, 1999.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. *As especificidades da ação pedagógica comos bebês*. Porto Alegre: Artemed, 2010. 16 f.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; RICHTER, Sandra Regina. S. Desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos: Qual o currículo para bebês e crianças bem pequenas? *In*: Brasil (org.). *Programa Salto para o futuro: Educação de crianças em creche*. Ano XIX, n.º 15, out. 2009.

BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. 9. ed. Porto Alegre: Artmed: 2003.

BORGES, Gabriela Silva Braga. *Estimulação precoce, trabalho pedagógico e a criança com deficiência na creche*. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/549/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Gabriela.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/549/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Gabriela.pdf). Acesso em: 23 jun. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução nº 5 do CNE/CEB, de 17 de dezembro de 2009*. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: Diário Oficial da União, 18 de dezembro de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF: MEC, 2008.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. *Diretrizes de estimulação precoce: crianças de zero a 3 anos com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor*. Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 184 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial: Livro I*. MEC: Seesp. Brasília, 1994. Disponível em: [https://midia.atp.usp.br/plc/plc0604/impressos/plc0604\\_aula04\\_AVA\\_Politica\\_1994.pdf](https://midia.atp.usp.br/plc/plc0604/impressos/plc0604_aula04_AVA_Politica_1994.pdf). Acesso em: 23 jun. 2024.

CAMPOS, Maria Malta.; ESPOSITO, Yara Lucia.; BHERING, Eliana; GIMENEZ, Nelson; ABUCHAIM; Beatriz. A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais brasileiras. *Caderno Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 142, p. 20-54, jan./abr., 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/SvLkMwNjzY88MZpXYs9v4qR/?lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2024.

CORRÊA, Anderson Borges; KOHLE, Érika Christina; GAZOLI, Monalisa, SOUZA, Regina Aparecida Marques; ALMEIDA, Renata Souza Franca Bastos; MELLO, Suely Amaral. *Educação e humanização de bebês e de crianças pequenas: conceitos e práticas pedagógicas* Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, 284 p. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-95-8>. Disponível em: [https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab\\_editorial/catalog/book/196](https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/196). Acesso em: 23 jun. 2024.

COSTA, Regina Celia Gradowski Farias da. *O estado do conhecimento sobre estimulação precoce no conjunto de teses e dissertações brasileiras no período entre 2000 e 2011*. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/33824>. Acesso em: 23 jun. 2024.

CRESPI, Livia; NORO, Deise; NÓBILE, Márcia Finimundi. Neurodesenvolvimento na Primeira Infância: aspectos significativos para o atendimento escolar na Educação Infantil. *Ensino Em Revista*, Uberlândia, v. 27, n. Especial, p. 1517-1541, dez., 2020. DOI: <https://doi.org/10.14393/ER-v27nEa2020-15>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/57449>. Acesso em: 23 jun. 2024.

FARIA, Ana Lucia Goulart; PALHARES, Marina Silveira. *Educação Infantil pós LDB: rumos e desafios*. Caderno de Pesquisa, n. 107, jul., 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15741999000200012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/VHCNrZjzgFYhX9TgsWqJtMq/>. Acesso em: 23 jun. 2024

FARRONI, Teresa; MENON, Enrica. *Percepção visual e desenvolvimento inicial do cérebro*. 2013. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/Farroni-MenonPRTxp1.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população: Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008

FRANÇA, José Luiz. *Estimulação precoce: inteligência emocional e cognitiva*. São Paulo: Grupo Cultural, 2005.

GOLDSCHMIED, Elionor; JACKSON, Sonia. *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em Creche*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GORETTI, Amanda Cabral dos Santos. *A relação mãe-bebê na Estimulação Precoce: um olhar psicanalítico*. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/1790/1/Amanda%20Cabral%20dos%20Santos%20Goretti.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2024.

GRAFF, Patrícia; PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. A clínica da condução de práticas escolares. *Educação Unisinos*, v.27, p. 1-15, 2023. Disponível: Unisinos - doi: 10.4013/edu.2023.271.30 Acesso: 13 ago. 2024.

HANSEL, Ana Flavia. *Educação Inclusiva: aspectos teóricos e práticas*. Sala de debate. Canal Futura. 2012. Disponível em: [http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1681/1/HANSEL\\_Educao\\_Inclusiva\\_Aspectos\\_teoricos\\_e\\_praticos.pdf](http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1681/1/HANSEL_Educao_Inclusiva_Aspectos_teoricos_e_praticos.pdf). Acesso em: 23 jun. 2024.

LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro, 2004.

MARINI, Bruna Pereira R.; LOURENÇO, Mariane Cristina; BARBA, Patrícia Carla Souza Dalla. Revisão sistemática integrativa da literatura sobre modelos e práticas de Intervenção Precoce no Brasil. *Revista Paulista de Pediatria*, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 456-463, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/sKJ6ggPTSdtHzGBDDT83NsN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MELLO, Sueli Amaral. Bebês e crianças pequenininhas como sujeitos: participação e escuta. In: COSTA, Sinara Almeida; MELLO, Sueli Amaral (org.). *Teoria histórico cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores*. Curitiba: CRV, 2017.

MENDES, Enicéia Gonçalves. *Inclusão marco zero: começando pelas creches*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2010.

NCPI. Núcleo Ciência Pela Infância. *Estudo nº 1: o impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem*. 2014. Disponível em: <https://ncpi.org.br/publicacoes/impactodesenvolvimento/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. 12. ed. Editora Artmed, 2013.

RAMOS, Conceição de Maria Moura Nascimento. *O papel da professora no desenvolvimento humano da criança pré-escolar sob o enfoque da teoria histórico-cultural*. 2011. 141 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/110cf929-bf01-4ee7-9773-88f69e283b24>. Acesso em: 23 jun. 2024.

RESES, Gabriela; MENDES, Inês. Uma visão prática da análise temática: exemplos na investigação em multimídia em educação. In: COSTA, António Pedro; MOREIRA, António; SÁ, Patrícia. *Reflexões em torno de metodologias de investigação: análise de dados*. v. 3. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2021. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/30773>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SANTOS, Danielle Nascimento dos; SANTOS, Luiza Maria dos; CARVALHO, Lucas; BARRETO, Maurício Lima. *Desenvolvimento cognitivo e aprendizagem na infância*. 2013. Manuscrito não publicado.

SILVA, Maria Izabel Alves Felix da. *Intervenção precoce na infância: revisão de literatura no contexto brasileiro*. 2022. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16208>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SILVA, Ana Paula Soares da; PANTONI, Rosa Virgínia. Apresentação da série Educação de crianças em creches. In: Brasil (org.). *Programa Salto para o futuro: Educação de crianças em creche*. Ano XIX, n.º 15, out. 2009.

SINGULANI, Renata Aparecida Dezo. A organização do espaço da escola de Educação Infantil. In: COSTA, Sinara Almeida; MELLO, Sueli Amaral. *Teoria histórico-cultural na educação infantil: conversando com professoras e professores*. Curitiba: CRV Editora, 2017. p. 129-139.

UNICEF. *Early Childhood Development: the key to a full and productive life*. 2015. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/107616/file/UNICEF-Programme-%20Guidance-for-Early-Childhood-Development->. Acesso em: 23 jun. 2024.

VIEIRA, Ana Carolina Santana; RAIMUNDO, Adrielly Cristina de Lima; SILVA, Rita de Cássia Ramires da (org.). *Estimulação precoce na primeira infância: reflexões e experiências*. Campo Grande: Editora Inovar, 2019. 106 p.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz; FARIAS, Rhaisa Naiade Pael; MIRANDA, Simão de. (Org.). *Educação infantil na perspectiva histórico-cultural: concepções e práticas para o desenvolvimento integral da criança*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 219 p.

## **CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS**

**Autora 1** – Proponente do artigo, escrita da primeira versão e leitor da versão final.

**Autor 2** – Leitor crítico, co-autor, escrita da segunda versão e leitor da versão final.

## **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

**Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.**

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.